

ramento impulsivo, da falta de tino político, incompreensão da política internacional de então, e um excesso de confiança nas possibilidades próprias e de seu povo. O Autor pretendia analisar Lopez e aquela foi a tese central de sua obra.

O Autor chegou a conclusões definitivas sem no entanto ter analisado melhor os diversos países envolvidos na questão.

A Guerra da Tríplice Aliança foi um acontecimento muito complexo, devido à grande diversidade de fatores que influiram nas suas causas: questões internacionais, ideológicas, econômicas, sociológicas e particulares a cada país, etc. É um trabalho exaustivo e extenso o estudo desse conflito, pois abrange um campo muito grande, e envolve inúmeras responsabilidades.

Não é possível estudar aquela guerra sem fazer um levantamento exaustivo da documento existente em dois continentes, o que aliás foi esclarecido pelo Autor no início da sua obra.

Sem conhecer com bastante profundidade a história do Império brasileiro, suas tendências e política externa e interna, não é possível chegar a conclusões verdadeiras.

O Prata era naquela ocasião um enorme cadinho, onde estavam em fusão as mais desencontradas tendências. Sem conhecer a história dos países do Prata, naquele momento, também não é possível uma análise mais profunda desses acontecimentos.

Em conclusão, fazendo as necessárias ressalvas atinentes às dificuldades acima anunciamos, podemos concluir que o Autor soube aproveitar os elementos de que dispunha com muita inteligência. Os raciocínios são bem construídos. A forma é quase impecável dentro do estilo do Autor. A colocação de novos problemas são de grande utilidade para o estudioso do assunto e a análise do homem paraguião é bastante profunda.

Trata-se de uma obra interessante e de utilidade para as pessoas estudiosas do assunto.

VIVALDO W. F. DAGLIONE

*

* * *

FREYRE (Gilberto). — **Ordem e Progresso. Obras reunidas.** 1a. série. Com 37 ilustrações. 2 tomos. Livraria José Olympio Editora. Rio de Janeiro. 1959.

A República do Brasil, ou melhor, à transição da Monarquia para a República que chegou até a merecer uma “interpretação materialista dialética”, no que concerne à sua História (1), e que tem recebido alguns estudos realmente bons, como é o caso da “interpretação burguesa” de José Maria Belo (“História da República”, 1889-1945), tirante as crônicas, histórias narrativas e mesmo análises (A. Carnei-

(1). — Leônio Basbaum, **História Sincera da República, de 1889 a 1930**, 2 volumes.

rc Leão e outros: "À Margem da História da República" — Evaristo de Moraes: "Da Monarquia para a República" — Visconde de Taunay: "Império e República", George C. A. Boehrer: "Da Monarquia à República") e os depoimentos ou análises dos acontecimentos, realizados por pessoas mais direta ou indiretamente ligados aos eventos republicanos (Rui Barbosa "A Queda do Império", Campos Sales "Da Propaganda à Presidência", Visconde de Ouro Preto "A Década Republicana", Anfrísio Fialho "História da Fundação da República do Brasil", etc.), e ainda as tentativas de interpretações mais ou menos felizes (Oliveira Viana "Queda do Império", etc.), além dos estudos isolados que vêm sendo feitos últimamente, de alguns vultos republicanos, a, isso tudo faltava a **visão de conjunto** que abarcasse os pormenores nas causas e os grandes efeitos, numa contribuição interpretativa da Sociologia à História do Brasil, para melhor compreensão dos pontos de aproximação e de distância de ambos os regimes. Essa vastíssima tarefa, ingrata e quase desalentadora, pelo cabedal de leituras que exigia, pelo "back-ground" de uma grande erudição, pela sutileza que que a complexa realidade brasileira de então reclama dos estudiosos que enfrentem aquéle período, e pelo próprio **momento histórico** de transição, foi agora tentada por Gilberto Freyre através desta sua última obra.

"Ordem e Progresso" cumpre o vasto plano de um levantamento histórico e de um estudo interpretativo da Família Patriarcal e Semipatriarcal do Brasil, num conjunto de obras, cuja denominação geral será "Introdução à História da Sociedade Patriarcal no Brasil". Prossegue ela os estudos de "Casa-Grande e Senzala" (Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal) e "Sobrados e Mucambos" (Decadência do Patriarcado Rural e Desenvolvimento do Urbano", e aos quais seguir-se-á, ainda, "Jazigos e Covas Rasas") (Sepultamento e Comemoração dos Mortos no Brasil Patriarcal e Semipatriarcal), em três volumes, compreendendo vasta documentação, ilustrações e bibliografia sobre os mesmos assuntos.

Em "Ordem e Progresso", o Autor se propõe a estudar o Processo de Desintegração das Sociedades Patriarcal e Semipatriarcal no Brasil sob o Regime de Trabalho Livre, Aspectos de um Quase Meio Século de Transição do Trabalho Escravo para o Trabalho Livre; e da Monarquia para a República.

Após esta nota informativa sobre a obra de Gilberto Freyre, iniciada por volta de 1933, passemos a seguir-lhe algumas teses propostas que, procuram se justapor à época histórica de transição do Império para a República (de 1870 a 1920, mais ou menos). }

Para êste grande painel debuxado pelo Autor, é evidente que a perspectiva do tempo, mais curta, tornou-se, portanto, mais difícil de ser interpretada no **fato histórico**, mas relativamente mais fácil no **fato sociológico**, ainda que não se possa aduzir com o rigor necessário, neste caso, o senhor Gilberto Freyre como um historiador social ou um sociólogo, que se prolongue em historiador.

A **história social** da família brasileira, ou simplesmente à sua **história**, para a qual têm convergido contribuições como as de Pedro Calmon, Wanderley Pinho e outros, há, em processo quase simultâneo, a **sociologia histórica** da família brasileira, da qual Gilberto Freyre é, na verdade, o mais alto estudioso.

Em ambos os setores, procurar-se-á, é evidente, a **sucessão histórica** e a **simultaneidade sociológica**, a evolução material e o **processo intelectual e espiritual**, para a compreensão de uma **realidade** que se assenta tanto no **tempo**, quanto no **espaço**.

Ambos os aspectos interessam de perto à **História**, pois é evidente que, à **realidade histórica** da família brasileira, situada no tempo e confinada pelos fatores circunstântes do seu **momento**, corresponde um **processo sociológico** ou psico-social de relações e influências, de tendências e inclinações, de evolução e revolução sob determinados regimes ou sem êles.

À grande importância que dera aos pequenos anúncios, ao epistolário e aos quase-nadas, em sua obra anterior, Gilberto Freyre acresce, sem excluir as outras fontes, como a leitura minuciosa dos jornais da época, nacionais e estrangeiros, e de uma bibliografia estrangeira sobre o Brasil, pouquíssimo referida pelos nossos estudiosos, os depoimentos que recolheu mediante vasto inquérito proposto a quatro gerações de brasileiros, cuja posição social ia desde o vigário ao baba-lorixá, desde o barão à prostituta de alto coturno, numa provocação dirigida de autobiografias.

Sem sabermos direito se, para sugestão de suas teses e pontos de vista, ou se pelo contrário para confirmá-las, o autor realizou assim, um vasselho de sociologia doméstica, ouvindo confissões **sigilosas**, para compreensão do que é **conhecido**, sucessos **íntimos**, que compõem a aparência **pública**.

Nesse processo, talvez involuntariamente, chegou a aproximar-se da **sociologia estrutural**, no sentido dinâmico da **evolução e revolução** do regime econômico estudoado que se responsabilizou, até certo ponto, pela trajetória do fator genésico, isto é, a família brasileira.

E' evidente que Gilberto Freyre não fez **História**, e que pretendeu fazer **Sociologia**, entretanto, suas proposições gerais servem à explicação histórica, e a sua **sociologia**, como tal, permanece mais nas enumerações de sua **tentativa de síntese**, como lastro de um panorama que é acentuadamente **histórico**.

O encaminhamento natural dos seus trabalhos é da Sociologia para a História, no sentido inverso, por exemplo, das proposições enunciadas por historiadores como Renan, Guizot, Fustel de Coulanges, Langlois, Henry Berr e outros, inclusive alguns brasileiros que, em certas explicações históricas, propõem uma interpretação que se dirige para a Sociologia, permanecendo, muitas vezes, num **campo indeciso**, entre esta e aquela.

E' válida, portanto, a recíproca, em ambos os casos de interpretação, desde que pretendemos ser falsa ao sociólogo, a sua posição, quando isolada da História, como preconizam vários sociologistas des-

de os de maior renome até os mais obscuros, ainda que o tempo abstrato e a cronologia não lhes expliquem o fato, cuja singularidade será elemento de estudo apenas para o historiador, mas cuja evolução social, interessará ao sociólogo.

A delicadeza de tais posições é um convite a avelhantado debate que longe de nós está em pretender arrastar a estas linhas.

O que realmente quisemos ressaltar de passagem foram as relações entre a Sociologia e a História que a obra de Gilberto Freyre representa na conexão dos fatos e até na interação ou causalidade, situações que remontam à própria origem da Sociologia, com Augusto Comte, para quem até então et pour cause não havia surgido uma história verdadeira.

Na interpretação de um fator genésico que sob determinado regime econômico formou-se, evoluiu e acabou por desintegrar-se, guardando, entretanto, sobrevivências no Brasil, e no que êsse fator tinha de típico residiria o objetivo primordial dos estudos do autor de "Casa Grande e Senzala", nas quais ele procurou, como afirmamos, antes ouvir os depoimentos individuais, para recompor o quadro do conjunto, na tentativa metodológica que o autor denomina empatia, a qual, para muitos, se choca com o rigorismo científico de muitas das modernas escolas sociológicas.

Em sua **Nota Metodológica** o autor procura justificar o título deste estudo que empreendeu, e cuja simples enunciação evoca o distíco positivista inserto na bandeira nacional. Nesse sentido, a ordem que presidiu o patrimônio moral e material da família brasileira que atravessou a época de transição aqui estudada, identificar-se-ia, no dizer do autor, com a ordem governamental representada, no caso, pela autoridade monárquica. Foi, não resta dúvida, uma tentativa do autor de "Sobrados e Mucambos", de confinar a época estudada sob o lema positivista e republicano, quando este lema previa a ditadura, como salvaguarda da ordem e do progresso, numa renúncia à violência na laboração do seu processo, o que realmente não se pretendia, mas quase se deu no implante do novo regime, desde que a pressão militar exerceu-se contra o liberalismo da época.

Não podemos, por outro lado, negar que na fase histórica aqui interpretada, o positivismo representou um passo de inquietude mental em nossa formação política e no nosso procedimento intelectual, mas não podemos, por outra feita, superestimar o papel do positivismo na Abolição e na República que foi uma contribuição secundária como nos prova um dos seus grandes estudiosos entre nós (2).

Aliás, Gilberto Freyre gasta tinta demasiado em comparar o papel do Catolicismo com o Positivismo, ainda que reconheça realmente a preponderância da atuação daquele sobre este. Na verdade, a importância do Positivismo, quer no sentido político, como em outros sentidos, e mesmo no religioso que é ressaltado pelos seus estudiosos, é no caso histórica e nunca sociológica.

(2). — João Cruz Costa, *Esboço de uma História das Idéias no Brasil na primeira metade do século XX*, in "Revista de História", n.º 19 e 20. São Paulo.

Para retratar a realidade brasileira na transição dos regimes, o sr. Gilberto Freyre realiza inúmeros sincronismos com as Américas Latina e Inglêsa que na verdade são muito mais históricas que sociológicas, inclusive no julgamento das figuras sobre as quais diretamente recaiu a responsabilidade da mudança do regime, como ainda na localização dos fatos no tempo e no espaço, se bem que consoante a sua própria confissão, à página 481, do segundo volume, êste ensaio tenha pretensões de “fazer sociologia de história” (sic!).

O período escolhido para a análise feita pelo autor de “Sociologia” oferece as perspectivas de dois acontecimentos de profunda significação para o **conhecimento histórico**: o primeiro de ordem **social** e de inegáveis repercussões econômicas e sociológicas, o segundo **político**, encerrando um regime que se entrosava na própria formação da nacionalidade. O primeiro a **Abolição**, o segundo a **República**.

A êsse período que encontrou em José Maria Belo um analista inteligente, o autor de “Quase Política” oferece agora os pormenores para o grande painel.

Ainda que nem todos êsses pormenores possam ser aproveitados pelos historiadores do futuro, entretanto, já o seu levantamento constitui obra de muita valia para a História, se bem que esta é quem tenha, realmente, prestado inestimável colaboração ao estudo aqui empreendido.

Assim, o **processus** de transformações políticas, sociais e humanas, pelo qual passou a nação e os brasileiros pode ser revisto nas sua partes e no seu todo, para se compreender a transição da Ordem e do Progresso no conjunto nacional subjetivamente imaginado, ainda que possamos contemplar, sentir ou compreender, no caso, resquícios de uma realidade objetiva que permanece, isto é, aquela que se salvou na desintegração da Sociedade Patriarcal, e que não será difícil de ser identificada numa vivência contemporânea.

Gilberto Freyre atingiu técnicas de observações, de análise, de investigação e pesquisa, numa precedência realmente notável entre nós. Entretanto, para muitos dos seus críticos, o empirismo de sua obra não atinge o mesmo requinte no teorizar dos seus estudos, principalmente, no que diz respeito ao rigorismo que os princípios formais e o caráter especialmente científico da Sociologia atingiram com os seus modernos tratadistas, principalmente, quando a esta se juntam as contribuições da Psicologia e da Antropologia, como se dá nesta obra.

A êste debate o autor não se esquivou, pois dêle se ocupou longamente afirmando não pretender o seu critério de estudo **empático**, segundo a própria denominação que encontrou, outra coisa senão tentar a **projeção humana** num sentido muitas vezes olvidado pelas ciências do homem, o que na verdade achamos digno de uma teoria bem brasileira de exposição, dentro dessa **sociologia proustiana** de que nos fala o prof. Roger Bastide.

Nesse sentido, apreciaríamos que o autor, se já não o fêz, desse a lume as perguntas que compunham o seu inquérito, o que permitirá inclusive mais elementos para o julgamento desta sua obra dentro

da progressão dinâmica, revolucionária, de uma quase intolerante precisão a que chegou a Sociologia em nossos dias, principalmente com as contribuições inglesas e norte-americanas, onde, aliás, fêz-se a formação do autor de "Inglês no Brasil".

No tocante a esse inquérito, Gilberto Freyre chega a conclusões interessantes, realizando um levantamento tão a seu gôsto de usanças e modas as mais exóticas, como as promessas, a pirotecnia, os anéis de grau de diferentes cônres, uso êste peculiar ao Brasil, segundo o Autor, e que ainda agora nos países do Prata, permitiu-nos verificar a surpresa e admiração que causava, quando observado em nossas mão e logo interrogado sobre a sua origem, as revelações sobre a medicina popular, o estudo da causa acentuadamente feminina, um sobconsciente (se assim pudermos falar) desejó de patriotismo que se aproxima das aspirações dos cavaleiros medievos (evidentemente que esta assertiva é de nossa autoria, e aqui vai apenas como força de expressão), a posição dos genros, a importância do bonde ou do dente de ouro, do pince-nez ou da côn do bigode dos republicanos, ou ainda a substituição do penico pelo bidê a um mar da quase-nadas, são aqui arrolados.

No afã dêsse minudente registo o autor confirma as suas qualidades de arguto observador, mas muitas vêzes as mesmas residem apenas nessa condição, pôsto que em inúmeras ocasiões há, na obra, apenas a consignação dos costumes, atitudes ou modas, sem qualquer estudo ou tentativa de interpretação. Também muita coisa não mereceria, por outro lado, demorado exame, como, por exemplo, o fato de um nordestino que emigrou para o sul devido a um desgosto íntimo, etc.

O desejo de aproveitar os depoimentos o mais possível, é que talvez tenha levado o Autor a essas falhas.

Nesse sentido, Gilberto Freyre nos dá impressão, algumas vêzes, que lançou mão de um depoimento ou trecho expressivo daqueles que recolheu, *a posteriori*, isto é, disserta em torno de um fato social e depois cita uma prova documental que mostra *ipsis litteris* a sua tese. Assim, em vez de comentar ou interpretar o documento em si, êle que já o leu, apanha o que salta à vista do mesmo, apenas para a confirmação do que expôs. Não sabemos, se realmente, fizemo-nos entender com o que afirmamos acima, mas na verdade, foi essa a impressão que tivemos ao ler inúmeras páginas, principalmente do segundo volume de "Ordem e Progresso".

Nesta obra que é riquíssima em sugestões, o aparato bibliográfico, a erudição e muitas vêzes a inegável agudeza da análise diante de certos acontecimentos são qualidades que nos chamam a atenção.

Quanto às ilustrações, algumas estão mal colocadas, ainda que fora do texto, pois não se referem nem mesmo ao assunto geral, previsto no título do capítulo.

Para os problemas de relações entre negros e brancos em nosso país, os resultados a que chegou o autor sobre a predileção, ou possível aversão ou eventual reação, no caso de casamentos de um mem-

bro da família (em geral filho (a) ou irmão (a)) com pessoa de côr diferente que, no caso dos brancos não era tolerada, mas por parte dos pretos era “prazerosamente” aceita, serão muitos proveitosos para estudos futuros.

O desenvolvimento do estudo em torno do 15 de novembro, no seu aspecto político, é mesmo **político**, isto é, histórico nos seus elementos de conexão, na sua “casuística” e nas suas consequências.

Contra o progresso americano a **monarquia** brasileira era um **areaísmo**, mas, entretanto, as influências sociais, econômicas e religiosas vinham mais da Europa que da América, ainda que de países mais republicanos que monárquicos. E, efetivamente, como nos explica o sr. Gilberto Freyre, o único exemplo que nesse sentido era digno de ser seguido na América, era o dos Estados Unidos que, por sinal, tinham **relativo** aprêço pela **unidade monárquica** brasileira.

E’ estudada a identificação relativa que se dá entre a Ordem (Império) e o Progresso (República), como concusas de uma transição, ainda que não se pretendesse o progresso, com a desordem, como nos lamentáveis exemplos de que já se ressentiam os demais países latino-americanos que tentaram **aquèle** e conseguiram **esta**, ou quando não, implantaram uma ditadura que era mais monárquica, no sentido despótico, do que a própria monarquia.

Afinal, com a mudança, o que mais se temeu, aqui como lá fora, foi mesmo pela **ordem** daquela República que necessitou, até certo ponto, **ser monárquica**, principalmente nos exemplos que precisavam ser seguidos.

E’ aqui que o Autor acaba por transformar numa das teses centrais desta sua obra, esse problema da permanência da Monarquia, em muitos dos seus elementos e usos, através das primeiras décadas da primeira República, o que na verdade constitui uma realidade indiscutível, de elementos históricos flagrantes e universais, uma vez que em tôdas as mudança sde regimes ou governos, por mais severo que seja o processo dessa mudança (o que, aliás, não se deu no implante de nossa República), permanecem dois grupos ou opiniões em conflito, desde que se trata de **mudança**, o que em outras palavras sempre importa no espírito de conservação adotado pelos adeptos do regime deposto, como também, na sua reação maior ou menor, mas sempre existente ainda que dissimulada diante da **nova ordem** e dos **novos progressos**.

Em algumas passagens o Autor não consegue fazer com que o seu leitor fique ausente de interrogações, como quando se referindo à insatisfação dos paulistas com as interferências políticas do governo central, afirma que essa insatisfação “...de 1926 a 1936 **dividiu** o próprio São Paulo em dois” (sic!) (à página 403 do II volume). Aliás, o estudo que o Autor empreende do desvio da hegemonia do Norte para o Sul é rico em sugestões, não podendo, entretanto, ser aceito em boa parte dos seus argumentos.

Gilberto Freyre trata alguns velhos temas sob novos ângulos e tecla novamente, outras vêzes, argumentos já sovados em torno de velhos assuntos também.

A retificação de juízes a respeito de certos homens públicos oferece novas dimensões para o seu papel histórico, para usar de uma expressão bem cediça.

Como se trata de uma época (a estudada) relativamente recente, cujas repercussões conforme a área do país, deitam presença até agora, e sob as quais as nossas últimas gerações se fizeram homens, o estudo de Gilberto Freyre pode ser discutido, mas nunca negado, pois realmente a nossa primeira República ainda não mereceu o trato de estudo científico que realmente ela requer. Como é o caso do republicano Francisco Glicério, por exemplo, ao qual se referindo amiúde, o Autor de "Interpretação do Brasil" fez mais que muitos historiadores, apesar do pouco que fez, que não têm dado importância ou estudo com mais atenção opapel do general campineiro que, para José Maria Belo foi um espécie de "Condestável da República".

Tendo um estilo próprio, o qual não se designa em estudar até uma cantiga de roda ou os murmúrios de uma alcova, o Autor de "Problemas Brasileiros de Antropologia", vem, mais uma vez, provocar aplausos e críticas extremadas com este seu estudo sobre uma época, caracteristicamente de transição, quando havia uma atitude de displicência que até mesmo as classes conservadoras assumiam diante da causa republicana, não morrendo de amores por ela, mas, também, não a impedindo, enquanto os recém-libertos e algumas camadas ainda de insuflação monárquica se ressentiam com o desmoronamento do Império.

Afinal o que se conclui, através desta exposição do Autor, é uma certa descrença que essa época representou para a História, isto é, desencôntro de costumes, confusão de valores, integração forçada e forçosa de elementos adventícios.

JOSE' ROBERTO DO AMARAL LAPA

*
* *

JOHNSON (John J.). — **Political Change in Latin America. The Emergence of the Middle Sectors.** Stanford, Califórnia, Stanford University Press, 1958, xiii + 272 págs.

Há, no Brasil em geral, a tendência de exagerar-se as diferenças que o separam das demais nações latino-americanas e freqüentemente provocam irritações as apressadas generalizações dos cidadãos dos Estados Unidos que englobam num mesmo conceito e numa idêntica imagem os povos ao sul do Rio Grande. Admitindo-se a existência de diversidades culturais e mesmo de dissemelhanças no desenvolvimento histórico, não deixa de ser útil e esclarecedor para o próprio conhecimento da realidade brasileira, ressaltar certos aspectos fundamen-